

ISSN: 1983-8379

Uma análise da dor e do dilaceramento nas obras de Camille Claudel, Florbela Espanca e Frida Kahlo

Francine Pereira Fontainha de Carvalho¹

RESUMO: Pretendemos, através da presente pesquisa, partir das obras da escultora francesa Camille Claudel, da poeta portuguesa Florbela Espanca e da pintora mexicana Frida Kahlo, a fim de localizarmos os elementos da melancolia e do dilaceramento – os quais se desdobram nas mesmas – bem como identificar os elementos autobiográficos que desvelam-se nas produções das artistas.

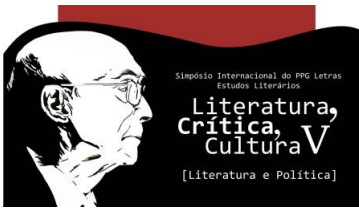
Palavras-chave: Dilaceramento; Dor; Melancolia; Autobiografia.

RÉSUMÉ: On pretent, à travers de la cette recherche, provenir de l'oeuvres da la sculptrice française Camille Claudel, de la poétesse portugaise Florbela Espanca et du peintre mexicain Frida Kahlo, avec l'objectif de localiser les éléments de la da mélancolie et de la souffrance – lesquels se dévoilent dans les oeuvres – aussi bien qu'identifier les éléments autobiographiques que s'expriment dans les productions des artistes.

Mots-clés: Souffrance ; Douleur ; Mélancolie ; Autobiographie.

Nesta presente pesquisa, pretendemos partir das obras da escultora francesa **Camille Claudel**, da poeta portuguesa **Florbela d'Alma da Conceição Espanca** e da pintora mexicana Magdalena Carmen **Frida Kahlo** Calderón, a fim de localizarmos os elementos da melancolia e do dilaceramento, bem como identificar os elementos autobiográficos que desvelam-se nas produções das artistas. A custo, pretendemos que as esculturas, telas, sonetos e, precipuamente, cartas e diários, permitam esboçar um quadro da vida destas três personalidades, num trajeto que se desvia da crítica biográfica para acolher a proposição de Susan Sontag em ensaio acerca de Walter Benjamin, coligido em *Sob o signo de Saturno*: “Não se pode interpretar a obra a partir da vida. Mas, pode-se, a partir da obra, interpretar a vida.” (SONTAG, 1986)

¹ Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Letras - Ciência da Literatura - da Universidade Federal do Rio de Janeiro.



ISSN: 1983-8379

É nosso intuito partir da obra para identificar aspectos de vida e melancolia, uma vez que Florbela Espanca, Frida Kahlo e Camille Claudel foram mulheres marcadas pelo sofrimento, o qual se refletiu em suas produções. *Au delà* da dor, interessa-nos investigar *como* as obras das três artistas desnudam suas mazelas e suas vidas.

Ao efetuarmos uma análise das obras produzidas pelas referidas artistas, ousamos dizer que suas produções expressam o dilaceramento, a dor e o desejo pulsante de morte. Percebemos, nas obras produzidas – diários, cartas, telas e esculturas – a expressão dos males que as afligia, o desejo pulsante de morte e as manifestações intensas da dor.

O fato de as artistas expressarem o desejo evidente de morte e de suas produções reportarem-se às desventuras que as atormentava, remete-nos à *escrita* usada como um meio terapêutico, a fim de minimizar o estado de dor e sofrimento em que se encontravam (ampliaremos em nossa tese o conceito de *escrita terapêutica* para *obras terapêuticas* abarcando: telas, esculturas, poemas e diários que refletem os sofrimentos vivenciados por essas artistas).

Nesse sentido, expressar o sentimento que as afligia funcionaria, nas palavras de Kristeva, como um **contra-depressor**, uma maneira de conviver com o dilaceramento, uma vez que os sentimentos adversos e a pulsão de morte não desaparecem com a escrita/produção das obras, mas, estas podem favorecer o estado de consciência e uma convivência mais “suportável” com a dor e a tristeza sentidos.

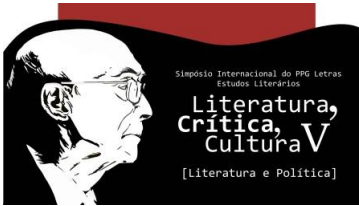
Intentaremos demonstrar como o comportamento melancólico – ainda que sob variadas nuances – está presente nas vidas das três artistas supracitadas, bem como a forma pela qual suas obras refletem esse sentimento de forma pontual. Interessa-nos surpreender, nas obras, produções *dolorosas* que remetam ao passado vivido e às releituras dos eventos pretéritos feitos pelas artistas. A releitura do *passado morto*, através do sofrimento transmutado em obra, será nosso grande interesse. Os eventos mortos do passado, retratados nas obras das artistas, nos dão a ver, não só o dilaceramento presente em suas produções, mas, igualmente, nos fornecem pistas do turbilhão de dor e sofrimento em que suas próprias vidas se encontravam.

Observemos como as obras realizadas pelas artistas retratam a dor, inúmeras vezes,

espelho da vida. Analisemos, primeiramente, uma escultura produzida por Camille, intitulada *Le Dieu envolé*, apelé aussi *L'implorante*, concebida entre 1893 e 1897:



A escultura produzida por Camille, a qual desvela sofrimento e súplica, retrata, segundo as opiniões de seu irmão e de seu amante, sua própria dor. Segundo a obra “Le génie est comme un miroir”, Rodin, ao se inteirar sobre a obra produzida, não teve dúvidas de que a peça representava um sofrimento particular vivido por Camille: “Restée dans le dossier d’acquisition, elle permet de comprendre que Rodin avait été l’investigateur de cette commande, ne se doutant pas alors que Camille a mis en scène le drame de leur séparation.”(PINET, 2003) Opinião análoga apresenta seu irmão Paul, ao tecer comentários sobre a escultura produzida: “Cette jeune fille à genoux c’est ma soeur, écrira Paul... Ma soeur Camille implorante, humiliée à genoux, cette superbe, cette orgueilleuse, c’est ainsi qu’elle s’est représentée. Implorante, humiliée, à genoux et nue!” (PINET, 2003) A dor sentida por Camille encontra voz e expressa-se através de suas esculturas... Sua peça parece fazer o gesto que ela não admitia, em realidade fazer, devido ao



ISSN: 1983-8379

seu orgulho, ao seu comportamento *saturnino*. Sua escultura, produzida em meio ao sofrimento e a solidão – já que Rodin, no ano de 1893, passa a viver com Rose “ne laissant plus aucun espoir de retour à Camille” –, descortina, provavelmente, a total posição de súplica em que se encontrava o seu interior:

Retirée dans l’absolue solitude de son atelier du boulevard d’Italie, elle vit là, un an, deux ans, trois ans sans recevoir personne, sans entendre une voix amie. Le sentiment de solitude est tel qu’elle a parfois l’étrange angoisse d’oublier l’usage de la parole. Elle parle haut, afin de se rasurer. (PINET, 2003 : 57)

Sufrimento e solidão análogos podemos encontrar nas obras da pintora Frida Kahlo. Assumidamente autobiográfica, a artista fez da escrita e da pintura o seu *contra-depressor lúcido*. Os sofrimentos experienciados pela pintora e transmutados em obra, mais do que retratar o dilaceramento vivido, nos permitem acompanhar o trajeto da dor em sua vida, marcada por intensos sofrimentos físicos e emocionais. A pintora retrata, em algumas telas, uma dessas grandes dores – a traição de Diego Rivera, seu companheiro, com sua irmã Cristina – de várias formas. Telas, cartas e textos em diários nos falam de seu terrível sofrimento, de sua maior dor, demonstrando a grande ferida provocada pelo ato do homem amado e amante. Em extensa carta endereçada a Elle e Bertram Wolf, datada de 1934, Frida comunica sua grande dor:

Nunca sofri tanto e não pensei que pudesse suportar tanta dor. Vocês nem imaginam o estado em que me encontro, e sei que vou levar anos para conseguir sair dessa confusão que tenho na cabeça. [...] Amo-os muito e confio o bastante em vocês para não [lhes] esconder a maior dor da minha vida. [...] Eu julgava estar ajudando-o a viver, tanto quanto me era possível, e que eu era capaz de resolver sozinha qualquer situação da minha vida, sem nenhum tipo de complicação. Mas agora percebo que não tenho nada além de qualquer outra moça, decepcionada por ser abandonada por seu homem. Não valho nada; não sei fazer nada; não consigo estar sozinha. (KAHLO, 2006 : 64-69)

A escrita de Frida traduz todo o seu sofrimento, em suas palavras: sua maior dor. A devastação provocada pela dupla traição imputada à pintora, a deixa vazia de expectativas e sentimentos.

A pintora traduz, em diversas telas, o dilaceramento provocado pela traição sofrida. Em uma dessas obras intitulada, “Autorretrato com pelo curto”, datada de 1940, podemos perceber a

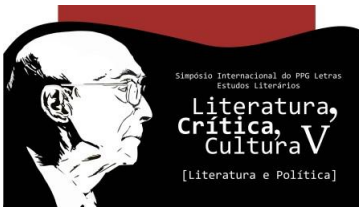


ISSN: 1983-8379

extensão do sofrimento vivido pela pintora, já que a dor usurpa, inclusive, a sua feminilidade. O gesto desesperado a que Frida se submeteu, destroçando os cabelos ainda trançados, nos revela a ansiedade em *justificar* sua solidão: “Mira que si te quise, fué por el pelo, Ahora que estás pelona, yo no te quiero.” A pintora vale-se de uma cantiga popular para compor sua tela e seu abandono:



O abandono sentido presentifica-se na tela. Frida apresenta-se sofrida, só, desvitalizada e



ISSN: 1983-8379

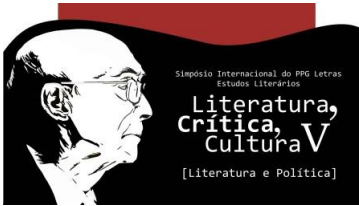
anulada em sua feminilidade. Os cabelos, símbolo máximo da feminilidade cortados (com as tranças ainda inteiras que Frida tanto gostava), as largas roupas masculinas e o abandono encerrado na tela evocam a decepção e a incompletude. Parece-nos que Frida se anula enquanto mulher, esconde seu corpo, apresenta-se sem qualquer adorno (tão comuns em sua vida) e sem qualquer esperança. Vazia. A tela pintada por Frida, onde a mesma retrata um grande dilaceramento, uma imensa dor vivida, remete-nos à fala de Benjamin: “Somente é possível ler o passado porque está morto.” O momento de composição da tela, ocorrido algum tempo após a traição e separação do casal, revela-nos que o sofrimento estava mais cicatrizado, não sangrava tanto como na época do acontecimento.

Frida escreve e pinta o seu sofrimento, sua indizível traição, de diferentes formas. A repetição da representação de seu sofrimento – através de cartas e telas – nos remete à obra de cunho memorialístico, como nos diz FURTADO, a respeito da obra “Repetição e memória na obra de Raquel Jardim”:

Sejam memórias de leveza lírica, como festa de adulto nos cabelos do *infants*, sejam aquelas que se realizam ao modo de instrumento torcionário contra fantasmas inimigos que, não raro, ostentam o mesmo sobrenome do memorialista, sejam essas análogas a açúcar para a engorda do próprio autor – em toda escrita da memória opera a **lei da repetição**. (FURTADO, 2006 : 141)

Repetição. Essa característica da escrita – e da personalidade melancólica – encontra-se presente na escrita de Florbela Espanca. Existe repetição de termos e temas em seus sonetos e em sua escrita (cartas e diários). A morte, a dor e a mágoa são vocábulos recorrentes nos sonetos que integram o Livro de Mágoas. Observamos, outrossim, em sua escrita, a ideia da morte como uma grande salvadora, bálsamo em meio às dores vividas, como podemos observar através de alguns versos dos sonetos: Dizeres íntimos, Pior velhice, e Deixai entrar a morte, respectivamente:

E os meus vinte três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: “Que linda a vida!...”
Responde a minha Dor: “Que linda a cova!”
[...]
Sou velha e triste. Nunca o alvorecer



ISSN: 1983-8379

Dum riso são andou na minha boca!
Gritando que me acudam, em voz rouca,
Eu, náufraga da Vida, ando a morrer!
[...]
Deixai entrar a Morte, a iluminada,
A que vem pra mim, pra me levar.
Abri todas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

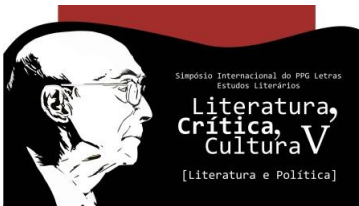
O desejo de núpcias com a morte aparece não só nos sonetos de Florbela, assim como em cartas e contos escritos. Em carta escrita a Guido Batteli no dia 03 de agosto de 1930, ano de seu falecimento, Florbela explicita sua simpatia com a morte:

A morte, talvez... esse infinito, esse total e profundo repouso; não me queira tirar a certeza de que ela é tudo isso: seria uma maldade, quase um crime. Pense bem: eu, que não sei o que é dormir uma noite inteira, dormir todas as e todos os dias e todos os anos, pelos séculos dos séculos! Só essa idéia me faz sorrir. Deve ser tão bom! (*Apud* DAL FARRA, 2002 : 53)

O sentimento de total intimidade e anseio pela morte, ao ponto do impulso suicida, é um traço visível da escrita florbeliana, principalmente após a morte de seu irmão Apeles, sob o qual recaiu uma forte suspeita de suicídio. A escritora, então, passou a fazer uma ferrenha defesa ao suicídio, encontrando, em inúmeras sentenças proferidas, forte defesa ao ato, rechaçado pela maioria das pessoas. O pendor para o suicídio rubrica a modernidade das obras de Florbela, consoante as reflexões de Walter Benjamin em Charles Baudelaire : um lírico no auge do capitalismo:

As resistências que a modernidade opõe ao impulso produtivo natural do homem são desproporcionais às forças humanas. Compreende-se que ele vá enfraquecendo e busque refúgio na morte. A modernidade deve estar sob o signo do suicídio, selo de uma vontade heróica, que nada concede a um modo de pensar hostil. Esse suicídio não é renúncia, mas sim paixão heróica. É a conquista da modernidade no âmbito das paixões. (BENJAMIN, 1991 : 74-75)

A escrita de Florbela, a qual admite as núpcias com a morte como refúgio e salvação, presente em seus sonetos e discurso, nos remete à própria simpatia da escrita com a idéia da



ISSN: 1983-8379

morte. Ao contrário do temor sentido pela maioria das pessoas, Florbela vê a morte como salvação e lenitivo para os problemas e as dores.

Todo o discurso encampado pela escritora reflete seu *foro íntimo*, sua opinião pessoal acerca do assunto, como podemos depreender de sua decisão, tomada no dia do seu aniversário, data em que completaria 36 anos de idade. A poeta arquiteta a própria morte para coincidir com a data e o horário de seu nascimento, ingerindo dois frascos de veronal. No duelo travado continuamente entre Heros e Thanatos, o impulso pela morte saiu vencedor e Florbela encerrou a própria vida, após duas tentativas frustradas de suicídio, cedendo ao desejo tantas vezes expresso em suas palavras...

Finalmente, intentaremos continuar investigando na arte e na literatura respostas às nossas inquietações, através das intensas manifestações de dores e dilaceramento presentes nas composições das artistas. Pretendemos que a *obra* nos forneça, sempre, a chave e nos desvende o interior e os sentimentos destas grandes personalidades, tanto quanto possível.

Considerações finais:

Transmutar dor em obra foi algo vital na vida da escultora francesa **Camille Claudel**, da poeta portuguesa **Florbela d'Alma da Conceição Espanca** e da pintora mexicana Magdalena Carmen **Frida Kahlo** Calderón. A produção artística das mesmas tomou, por vezes, o lugar da própria existência, não restando desejo para outro sentimento ou atividade. Escrever, pintar, esculpir e pensar a partir ou sobre os acontecimentos que atravessaram suas respectivas vidas, precipuamente em um mundo dolorido, foram atividades fundamentais no engendramento de um contra-depressor que, se não conseguiram interromper o desejo de morte (sentido em demasia por essas personalidades), adiaram o seu encontro e nos ofereceram as obras que procuramos, ainda que brevemente, deslindar.



ISSN: 1983-8379

Referências:

- BARTHES, Roland. Roland Barthes par Roland Barthes. Paris: Seuil, 1975.
- CLAUDEL, Camille. Le génie est comme un miroir. Hélène Pinet et Reine-Marie Paris. Découvertes Gallimard. 2003.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. Afinado Desconcerto (contos, cartas, diário). São Paulo: Iluminuras, 2002.
- _____. Florbela: um caso feminino e poético. In: ESPANCA, Florbela. Poemas de Florbela Espanca. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. V-LXI.
- ESPANCA, Florbela. As máscaras do destino. São Paulo: Aquariana, 2003
- _____. Poemas de Florbela Espanca. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. Sonetos. Bertrand Editora, 2005.
- _____. As máscaras do destino. São Paulo: Aquariana, 2003
- _____. Poemas de Florbela Espanca. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FURTADO, Fernando Fábio Fiorese. Repetição e memória em Raquel Jardim. Ipotesi: Revista de Estudos Literários, Juiz de Fora: Editora UFJF, v. 10, n. 1-2, p. 141-148, jan/jun –jul/dez. 2006.
- KAHLO, Frida. Cartas apaixonadas de Frida Kahlo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olumplio, 2006.
- KALIMÉROS. A mulher na psicanálise e na arte. Escola Brasileira de Psicanálise. Organização geral : Stella Jimenez e Gloria Sadala. Rio de Janeiro: 1995.
- KETTENMANN, Andrea. Kahlo. Trad. Sandra Oliveira. México: Paisagem, 2006.
- KRISTEVA, Júlia, 1941. Sol Negro: depressão e melancolia. Tradução de Carlota Gomes. Rio de Janeiro: ROCCO, 1989.
- LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. Paris: Seuil, 1975.
- _____. Autobiographie. In: DICTIONNAIRE des genres et notions littéraires. Paris: Encyclopédia Universalis/Albin Michel, 1997, p. 49-53.
- SONTAG, Susan. Sob o signo de Saturno. Porto Alegre: L&PM, 1986.



ISSN: 1983-8379

- _____. A vontade radical: estilos. Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STEIGER, Emil. Conceitos fundamentais da poética. Trad. Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- STEINER, George. Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra. Trad. Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ZALCBERG, Malvine. A relação mãe e filha. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.